

CAUSALIDADE, PROPRIEDADE DIFERENCIAL E CONSTRUÇÃO DE DOMÍNIOS NOCIONAIS.

Leticia Marcondes REZENDE¹

- RESUMO: Este texto apresenta um recorte de um estudo mais amplo que teve como preocupação inicial a relação entre nominalização e transitividade em língua portuguesa. Tendo como suporte teórico a Teoria das Operações Enunciativas de A. Culioli (1990, 1999a, 1999b), caminhamos de uma análise estática e descritiva de língua, na qual essas questões têm visibilidade, para um estudo que levasse em consideração a articulação entre linguagem e línguas naturais. Esse segundo enfoque diluiu a especificidade dessas duas questões gramaticais e as direcionou para espaços de reflexão mais abstratos e comuns a qualquer problema gramatical tais como causalidade, propriedade diferencial e construção de domínios nocionais.
- PALAVRAS-CHAVE: Causalidade; propriedade diferencial; construção de domínios nocionais; transitividade; nominalização.

Introdução

Iniciamos o texto com um esquema abstrato de relação entre noções² conhecido como léxis³ e definimos a causalidade como um circuito de forças que perpassa tal esquema gerando transformações e oferecendo resultados. Em conseqüência, falamos em propriedade transitiva da léxis, reversibilidade, passiva e negação. Finalizamos com uma questão central: o diálogo que existe entre cada situação discursiva específica (instável) e a relação predicativa ou lógica (estável). O enunciado apresenta um terceiro plano, como resultado desse diálogo, que redefine o domínio nocional provisoriamente dado pelos interlocutores. Oferecemos vários exemplos nos quais explicações causais estão fazendo o papel de redefinição nocional. Geralmente as explicações cau-

¹ Departamento de Didática – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil.
E-mail: leticia@fclar.unesp.br.

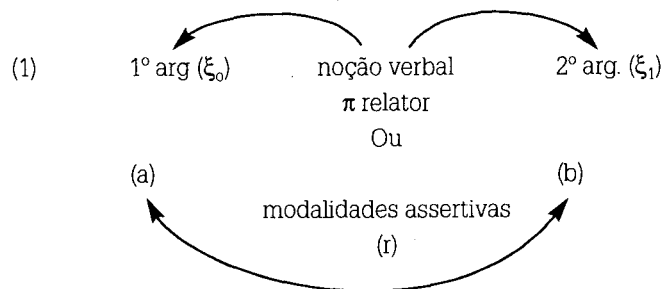
^{2 e 3} Não traduzimos o termo **lexis** do francês mas o adaptamos ao Português, acentuando-o. Para a compreensão dos conceitos de **noção** e de **léxis** presentes neste texto ver Culioli (1990, p. 47-65, 78, 79, 204; 1999a, p. 24, 34, 100, 130; 1999b, p.17-33). Para uma comparação do conceito de léxis com outras teorias ver Desclés (1995).

sais (advérbios, orações subordinadas, nominalização) são elementos topicalizados ou tematizados. Mas esses termos (advérbio, oração subordinada, nominalização, tópico ou tema) não encontram espaço em nossa reflexão. Essa reflexão teoriza exatamente a existência desse terceiro plano de construção do enunciado, responsável pelo deslocamento de níveis mais estáveis (relações primitiva e predicativa) e pela criação de instabilidade, e, nesse caso, o tópico ou tema se encontram naturalmente integrado ao modelo teórico. Esses termos estão presentes em nosso texto como um tributo que precisamos pagar aos estudos gramaticais e não sabemos o quanto esse remetimento a termos conhecidos facilitam ou dificultam o diálogo com os nossos leitores.

A léxis: ponto zero da asserção (discurso), da orientação (semântica) e da ordenação (sintaxe)

A asserção tem um papel fundamental enquanto operação e marca vivas do sujeito enunciadador, sujeito que fala, que relaciona, por meio de uma analogia com o seu mundo experiencial, as duas partes fundamentais de um enunciado: a argumental ou designativa e a predicativa ou proposicional. Na língua portuguesa, as formas verbais finitas ou pessoais trazem a marca, por excelência, da asserção, além de constituírem, enquanto noções semânticas que são, parte do predicado ou do segundo argumento (ξ_1) primeiramente. Mas, a partir da propriedade transitiva da léxis, tais noções podem também fazer parte do primeiro argumento (ξ_0).

Léxis: esquema abstrato e propriedade transitiva



A propriedade transitiva presente no esquema (1) diz o seguinte: a partir de uma relação entre a/r e r/b, devemos estabelecer uma relação entre a/b. Essa propriedade aplicada à léxis, contendo noções nos lugares formais, oferece um resultado ou projeta um eventual, possível ou provável resultado. Ele ou sua projeção podem ser reversíveis. Isso quer dizer que o resultado pode evidenciar ou um predomínio ou uma projeção de predomínio de /a/ sobre r/b, ou um predomínio ou uma projeção de predomínio de /b/ sobre r/a.

A propriedade transitiva cria um circuito causal entre os termos da léxis. Chama-

remos esse circuito de causalidade ou transitividade (tomando o cuidado de entendermos esse segundo conceito de um modo mais abstrato do que ele costuma ser compreendido). Em outras palavras: em nossa abordagem há sempre transitividade, mesmo quando não há transitividade (agora, no sentido mais usual desse termo). Esse conceito mais abstrato de transitividade, enquanto sinônimo de causalidade, vai nos permitir um posicionamento diferente das abordagens que classificam os verbos ou os processos em transitivos, intransitivos, bitransitivos (presentes na tradição gramatical) ou, mesmo, das propostas mais atuais em Linguística, que oferecem escalas ou gradações³ refinadas da variação do fenômeno da transitividade. A ausência do conceito de linguagem, ou o reducionismo que tem sofrido esse conceito na maioria dos trabalhos em Linguística descritiva, fazem que as análises sejam feitas tomando-se por base unidades estáticas de língua e impedindo de transformar o conceito de transitividade no conceito de causalidade.

A reversibilidade é o corolário da causalidade, pois toda a força desencadeada por uma origem deve caminhar para uma finalização e apresentar, portanto, um resultado que poderá ser avaliado como bom ou como ruim. O resultado pode não acontecer ou porque o impulso na origem não tem força suficiente (e a força precisará sempre ser medida em relação ao empreendimento que se tem pela frente, ao trabalho que se deve fazer, o que significa que é uma força dada pelo contexto de relação e não uma força absoluta), ou porque o objetivo é suficientemente forte (isso também em relação) para reagir e colocar resistência ao processo desencadeado. A reversibilidade apenas é uma transitividade derivada e não original. Mas, se trabalhamos com jogos de espelhos infinitos entre identidade e alteridade, será que podemos continuar também falando em transitividade original e derivada (reversibilidade)?

A reversibilidade não pode ser confundida com a construção e o valor da passiva.

Tomando o enunciado:

(2) O menino comeu a maçã.

A forma reversível seria:

(3) A maçã comeu o menino.

A forma passiva seria:

(4) A maçã foi comida pelo menino.

³ Hopper e Thompson (1980) falam em maior ou menor grau de transitividade, dependendo de alguns fatores, tais como: um ou mais participantes, perfectividade do verbo, intencionalidade, modalidade, individuação e afetamento do objeto etc. Lazard (1995) propõe uma concepção de transitividade *escalar* e fala também em um conjunto de fatores cujo maior ou menor grau de presença afeta a transitividade: definitude, intenção, tema etc. Ele propõe um conceito de distância actancial, que seria a distância entre o verbo e seus complementos e chama a atenção para a proximidade do objeto e dos advérbios, dizendo que em árabe clássico eles são marcados pelo mesmo caso. Em nossa perspectiva, o *objeto* e o *advérbio* quantificam, em ocorrências singulares (quantitativo preponderante), ocorrências genéricas (qualitativo preponderante) ou ocorrências mistas (instabilidade entre quantitativo e qualitativo), a noção verbal

ou

(4 a) A maçã comida pelo menino... tal e tal.

Precisamos, para o nosso trabalho sobre nominalização, em particular, e sobre a construção dos nomes, em geral, distinguir cuidadosamente (3) e (4).

Reversibilidade e passiva

Cognitivamente, quer dizer, do ponto de vista da linguagem, não podemos chegar a (4) sem ter passado por (3) e por sua negação. É exatamente porque a maçã não comeu o menino, ou não lhe fez resistência, inclusive e sobretudo o atraiu, deixando, facilitando... que o menino comeu a maçã, e temos, então, a maçã comida pelo menino.

Reversibilidade

Fazemos sempre análises adultocêntricas e etnocêntricas. Somos incapazes de ter a visão ingênua de mundo que a criança que está aprendendo uma língua (quer dizer, inserindo-se em uma cultura) possui. Para a dimensão da linguagem, essa visão ingênua na qual os objetos não estão categorizados ou tipificados é muito importante. Para esse mundo, os objetos podem se apresentar como animados. Somos nós, adultos, que os desalmamos. A visão ingênua também é importante para que possamos perceber que é por meio da relação sujeito, linguagem e mundo que se constroem as categorias. Essa relação do sujeito com o mundo e o processo de construção de categorias ficam depositados nas marcas de uma língua. Precisaremos mostrar o modo pelo qual os enunciados exibem esse processo.

Tomemos o enunciado:

(2) O menino comeu a maçã.

Podemos dizer que nesse enunciado há uma identificação entre *menino* de um lado e *maçã* de outro. De um certo modo, *menino* define *maçã*, sendo que *maçã* é um termo que remete a uma noção que é possível de () *ser comida por menino*. De modo simétrico, enquanto operação, mas podendo oferecer como resultado dissimetrias, *menino* é um termo que remete a uma noção possível de () *comer maçã*.

Como não é só *menino* que come *maçã* e como *maçã* é comida por outros indivíduos que não sejam *menino*, não temos uma identificação estrita e total entre esses dois termos, mas uma identificação parcial (dissimetria), que supõe também uma diferença. Essa diferença entre os termos possibilita a existência da própria predicação. Uma identificação estrita e total levaria ao remontamento dos dois termos e não haveria necessidade da predicação. A predicação sempre exige que uma diferença mínima entre os termos relacionados seja colocada. Os termos, mesmo quando identificados

por meio da predicação, possuem propriedades e, portanto, combinatórias diferentes em outros contextos. Temos como resultado o valor de *pertencer a*.

Se no caso do enunciado positivo (2) *o menino comeu a maçã* podemos dizer que a predicação acaba por oferecer uma definição possível, embora não exclusiva de *menino*, como *aquele que comeu maçã* e de *maçã*, como *a entidade que tem a propriedade de ter sido comida pelo menino*, no enunciado negativo temos uma situação diferente. Por exemplo:

(5) O menino não comeu a maçã.

(5) possui vários caminhos a partir dos quais podemos lhe atribuir um valor.

Desse modo:

a) podemos definir também os termos *menino* e *maçã* pela negativa.

Assim, teríamos uma asserção negativa

(6) Há o menino que não comeu a maçã.

(7) Há a maçã não comida pelo menino.

Trata-se de uma negação semelhante aos prefixos negativos. Por exemplo, quando dizemos

(8) Há incerteza no ar
que quer dizer

(9) Há não-certeza no ar

b) podemos ter uma negação de existência

Podemos, nesse caso, dizer que se trata de uma negação de ausência de existência e, desse modo, eu posso dizer

(10) O menino não comeu a maçã porque não havia maçã para ser comida.

ou

(11) O menino não comeu a maçã porque não havia menino para comer a maçã.

A negação de ausência de existência (o vazio) fica difícil para esse enunciado em razão da presença do artigo definido que pressupõe uma predicação de existência para menino e para maçã, embora possamos, com o auxílio de uma nova predicação, forçar a desmontagem dessa predicação de existência, como fizemos em (10) e (11).

c) podemos ter uma negação aspecto-modal

■ do lado de menino, podemos ter

(12 a) O menino não comeu a maçã porque ele não quis / porque ele não pôde / porque ele não conseguiu / porque ele não deve / porque ele está com a boca machucada / porque a sua mãe a escondeu / porque seu irmão a comeu / etc.

■ do lado de maçã, podemos ter

que facilita ou dificulta. Mas ela pode também criar bloqueio ou ineficácia por meio de facilidades e liberar por meio de dificuldades.

O termo *terceiro argumento* não é bom. A nova explicação causal tem a mesma natureza da origem e do objetivo da relação primitiva. Todos os três termos são portadores de um impulso de força e altamente predicativos, pois assim como da fonte da natureza brota água, da fonte da linguagem brotam atos proposicionais ou predicado (aquilo que poderia vir a ser dito e ter, então, a existência). Só temos a constituição de argumentos ou de designações quando temos a função proposicional (asserção) que, então, orienta (semanticamente) ordena (sintaticamente) e hierarquiza (sintático-semanticamente) as unidades do enunciado. Estamos mostrando os processos constitutivos do enunciado e, desse modo, não podemos falar em terceiro argumento, e também nem em primeiro e nem em segundo. Além do mais, toda a reflexão na qual estamos inseridos tenta exatamente organizar a relação enunciativa ou esse terceiro plano de organização dos enunciados. O nosso interesse é pelo diálogo que existe entre cada situação discursiva específica (instável) e a relação predicativa ou lógica (estável). Esse terceiro plano de organização dos enunciados pode ser aproximado do que Fauconnier, estudando a metáfora, chama de integração conceitual:

[...] uma projeção seletiva opera a partir dos espaços iniciais em direção a um espaço integrante. Essas operações são dinâmicas e o sistema inteiro pode evoluir. Em particular o espaço integrante se desenvolve com uma estrutura emergente própria que pode permitir por retroprojeção inferências novas, até mesmo uma reconceitualização mais radical (FAUCONNIER, 1997, p.182).

O terceiro plano redefine o domínio nocional provisoriamente dado pelo locutor em face de seu interlocutor. Vejamos, a seguir, alguns exemplos.

Explicações causais:

Sintagmas nominalizados, tematizados como explicação causal

- (14) A fome do menino fez que ele comesse a maçã.
- (15) A permissão da mãe fez que ele comesse a maçã.
- (16) A sua boca machucada não permitiu que ele comesse a maçã.
- (17) A força do pai fez que ele comesse a maçã.
- (18) O azedume da maçã impediu que o menino a comesse.

Temos para 14, 15, 16, 17, 18 um estado inicial dado por uma relação primitiva (menino, comer, maçã). A relação entre os termos, no entanto, não se efetua para esses enunciados em uma hipotética relação predicativa <*λ>, levando em consideração apenas as propriedades adequadas e esperadas das noções presentes na relação. Não

há transformação, não há estados resultantes. Para que o processo de transformação, então, se inicie (mesmo que não se finalize), é necessário que alguma propriedade dos termos em relação se destaque, por exemplo, a presença de uma intensificação (gradação) de algumas das propriedades dos termos (um excesso, uma ausência etc). Desse modo, a força causal, que vai permitir que o processo deslanche, está em uma relação complexa de interioridade e de exterioridade com os termos da relação primitiva e tal força, integrando ou desintegrando propriedades, vai sempre permitir defini-los, enquanto noção que são. Vemos que a sobreposição das duas relações (predicativa e enunciativa) permite organizar domínios nocionais. Ou, em outras palavras, permite ver como as representações estão organizadas e como se movimentam em uma cultura dada. Esses problemas estão relacionados aos problemas mais conhecidos, tais como: propriedades primeiras e secundárias, essenciais e acidentais, sintéticas e analíticas, necessárias e contingentes etc. Como não estamos trabalhando com a língua na sua dimensão estática, não podemos trabalhar com essas polarizações ou classificações. Na perspectiva dinâmica, que é a nossa, precisamos mostrar a trajetória desses valores polares, as suas oscilações e as suas neutralizações, ou os seus recomeços.

Temos, pois, para esses cinco enunciados uma distância entre as propriedades das noções contidas na relação primitiva e as propriedades que essas mesmas noções apresentam em uma ocorrência específica. Quer dizer, existe nesses enunciados uma inadequação de propriedades e os enunciados são construídos em razão disso. As propriedades que estão em falta, em excesso, inadequadas, anormais são as que vão impedir ou facilitar o desencadeamento do processo e a transformação e o estado resultante, se for o caso.

Há, pois, nesses enunciados, uma distância entre o ponto para o qual a possível representação da relação predicativa aponta ou direciona e o ponto para o qual a representação construída por meio da relação enunciativa realmente pôde chegar. O significado desses enunciados resulta do espaço que se pode visualizar, medir entre esses dois pontos.

Esses cinco enunciados estão em relação parafrástica com vários enunciados possíveis de serem derivados da léxis < *menino, comer, maçã* >. No enunciado positivo (2) *o menino comeu a maçã* todos os obstáculos, enquanto alteridade, presentes nos enunciados de 14 a 18 foram levados em consideração e desconsiderados.

A atividade metafórica, os processos de adequação cultural e organização de domínios nocionais: do impossível gera-se o possível

A predicação é o múltiplo, que ao mesmo tempo é uno, e ela é também o uno, que ao mesmo tempo é múltiplo. Culioli, tentando mostrar a história do conceito de noção, cita Hegel (apud CULIOLI, 1997, p.12), que teria definido a noção como sendo "a multiplicidade desenvolvida e ao mesmo tempo a unidade reencontrada".

Predicação é sinônimo de fala. Desse modo, toda a predicação é uma fragmentação que caminha para a dispersão da representação ou para a sua agregação (o exemplar, o tipo). O máximo de agregação que podemos imaginar para a predicação *o menino comeu a maçã* seria *o menino-maçã* ou a *maçã-menino*, mas o hífen é uma predicação ainda muito frágil, mas ainda predicação. Desse modo, os predicados-origens, primeiros e causais, se constituem em designação por meio de um jogo de espelho de identidade e alteridade. A alteridade pode facilitar ou dificultar a agregação (uno) ou a dispersão (múltiplo) da representação, pois ora pode ser a agregação que esteja estabilizando a representação, ora pode ser a dispersão, que, desestabilizando, pode estar agregando ou estabilizando. Mesmo na dispersão, temos sempre construção, jamais desconstrução.

O enunciado (3) *a maçã comeu o menino* pode parecer uma brincadeira (e esse significado metafórico, que resulta de uma dissimetria ou instabilidade totais (dadas cognitivamente) e de uma simetria ou estabilidade nascente ou crescente (dadas culturalmente)) mas é um enunciado importante para as nossas análises. Isso porque:

- para que o menino tenha comido a maçã, ela se apresentou com propriedades atraentes para ser comida. Por exemplo, se eu tenho a expressão *frutas comestíveis*, *comestíveis* é propriedade apenas de frutas ou também do sujeito que as come? Em *o frescor do vento*, *frescor* é propriedade apenas do vento ou também da percepção do sujeito que o sente? Em *a sala é grande*, *grande* é propriedade apenas de *sala* ou resulta da experiência do sujeito em relação a um conjunto de salas com tamanhos diversificados, a partir do qual o sujeito avalia o que é ser *uma sala grande*? Ainda em *aquela maçã está tão apetitosa que eu não estou resistindo*, *apetitosa* é propriedade apenas de maçã, ou é uma propriedade que resulta da interação sujeito e objeto? E em: *Na fita de vídeo, tem esgrimias, aquelas coisas, nada a ver, nada a ver* é propriedade de *aquelas coisas* ou também resulta, como nos casos anteriores, da interação sujeito e objeto?
- é no espaço aberto que foi deixado pela não-ocorrência do enunciado (2) *o menino comeu a maçã*, quer dizer, pela ocorrência do enunciado negativo (5) *o menino não comeu a maçã* que podemos reconstruir os pontos em paralelo de um processo de construção de valores, um verdadeiro leque de famílias parafrásticas.

É, portanto, no espaço formal não preenchido pelo empírico (2) e a sua negação (5) que se obtêm enunciados completamente ou parcialmente reversíveis. Em outras palavras: é no espaço da reversibilidade que se obtêm toda a possibilidade de construção da alteridade [o outro-outro (sujeito ou objeto), o outro-mesmo], facilitando... dificultando. Quando se força a operação de reversibilidade para os fenômenos, e neste caso, para os enunciados, obtêm-se a percepção dos fenômenos, dos significados, dos valores, por todos os ângulos, inclusive os mais inusitados possíveis. É desse conjunto de valores percorridos (todo) que a relação de causa e de efeito, ou a inserção do sujeito (parte) no mundo serão mais apuradas.

Tomando-se o enunciado negativo (5) *o menino não comeu a maçã*, deriva-se o enunciado metafórico, porque não usual, (3) *a maçã comeu o menino*, cuja negação, por sua vez, (19) *a maçã não comeu o menino* subjaz à construção de toda alteridade possível.

O enunciado (3) *a maçã comeu o menino* e o enunciado (2) *o menino comeu a maçã*, (que fornece uma definição de *menino* e de *maçã*), mostram-nos que a linguagem, enquanto forma, plasticidade, criatividade, fornece muito mais pontos do que uma língua-cultura acaba cristalizando; mostram-nos, ainda, que mesmo os pontos já cristalizados e as possibilidades ainda de cristalização precisam passar, para extrair os seus significados e valores, pelo avesso daquilo que está culturalmente construído: do impossível geramos o possível.

Os enunciados negativos (5) (a negação do possível culturalmente) e (19) (a negação do impossível culturalmente) abrem um leque de possibilidades: o mundo da imaginação, da fantasia, do sonho, dos desejos, da proibição. Em síntese: os enunciados negativos (5) e (19) abrem-se para o mundo daquilo que não está ainda adequado para o mundo das coisas possíveis de serem construídas.

Negação e reversibilidade

Pode-se dizer que toda combinação de léxis ou a existência de dois planos nos enunciados, criando um terceiro plano, seja por processos de coordenação, subordinação, seja por processos de tematização ou topicalização, ocupa:

1º o lugar do enunciado negativo;

2º o lugar da reversibilidade.

Tentaremos exemplificar, na seqüência, os pontos contínuos (em família) de construção de alguns enunciados importantes para o nosso estudo.

Nominalização e tematização do terceiro argumento ou a (anti)causa: o valor de concessão

(20) O menino comeu a maçã embora ela estivesse verde.

O valor de concessão é construído tendo por base uma negação de possibilidade de existência que não foi respeitada (proibição).

Antes da construção do valor de concessão, temos justapostos dois preconstructos:

(20a) O menino		não deve comer a maçã verde não pode
(20b) A maçã verde		não deve comer o menino não pode

Queremos mostrar com nossa argumentação como o enunciado com valor de concessão é derivado de uma reversibilidade possível cognitivamente, mas impossível muitas vezes culturalmente ou, então, com um valor não usual ou metafórico. Desse modo, o enunciado *O menino comeu a maçã embora ela estivesse verde* significa:

- (20c) O estado-de-ser verde- da maçã impedia que o menino [] comesse [a maçã]
ou
(20d) A *verdura* da maçã impedia...

Vemos que nessas construções metalingüísticas, quer dizer explicativas, é a *maçã* com a propriedade de *estar verde* que tem a força causal. O valor da concessiva é construído não respeitando essa força causal, quer dizer, ele se constitui como uma anticausa.

A oração subordinada concessiva explicita um jogo de força ou de causas e de orientação e ordenação dessas forças não respeitadas. O *objetivo* da relação primitiva <menino, comer, maçã < maçã estar verde>> se apresentava como um obstáculo *o verde da maçã* para que a força da *origem, menino*, fosse desencadeada, mas, mesmo assim, a ação é desencadeada.

Ainda podemos dizer que *menino* define *maçã* como um termo que remete a uma noção possível de ser comida pelo menino; e *maçã* define *menino* como um termo que remete a uma noção possível de comer *maçã*. Já a propriedade diferencial de *maçã*, que é *estar verde*, desequilibra a organização nocional que esses dois termos em relação delimitam. A propriedade *estar verde*, que foi destacada na subordinada concessiva, gera inadequação nocional (cultural) ou inicia uma instabilidade tentando reorganizar o domínio nocional dos termos envolvidos.

Em síntese: o enunciado (20) *o menino comeu a maçã embora ela estivesse verde* passa ou deriva de (19) *a maçã não comeu o menino* ou melhor deriva de (20e) *o verde-da-maçã não teve força suficiente para impedir que o menino comesse a maçã com o verde-dela*.

Os enunciados 2, 5, 3, 19, 20, a, b, c, d, estão em relação parafrástica e oferecem pontos contínuos ou um todo de construção de valores.

Nominalização e tematização do terceiro argumento ou causa: construções adverbiais e advérbios

A discussão feita no item anterior continua sustentando os exemplos deste item. Queremos mostrar aqui o parentesco também entre outras construções gramaticais e a nominalização enquanto um processo de tematização do terceiro argumento ou de um termo mais causal, mais origem do que os termos presentes na relação primitiva (semântica) e na predicativa (sintática) dos enunciados. Queremos mostrar, sobretudo, como é este terceiro argumento que abre espaço para uma alteridade cuja força vem exatamente ocupar o espaço de uma força original que não pôde ser desencadeada.

Essa força segunda, sobreposta, mais causal que a primeira, é sempre representada por uma propriedade diferencial. Isso quer dizer que as noções em ocorrência (origem e objetivo) que representam as forças primeiras não puderam desencadear o processo porque não correspondem às noções-tipo. A propriedade diferencial, representando inadequação das noções em ocorrência às noções-tipo correspondentes, pode estar criando vários níveis de instabilidade: instabilidade decrescente ou estabilidade crescente; instabilidade crescente ou estabilidade decrescente. Sempre quando a propriedade diferencial aproxima-se da estabilidade ou da adequação nocional, teremos, para os enunciados, processos discretos, valores nominais ou quantitativos preponderantes. Ao contrário, sempre que a propriedade diferencial estiver criando instabilidade ou inadequação nocional, teremos, para os enunciados, processos densos ou compactos e valores predicativos ou qualitativos preponderantes.

A propriedade diferencial, enquanto alteridade que facilita ou dificulta o desfecho do processo, pode se constituir, como já dissemos no parágrafo anterior, em processos de natureza qualitativa, e nesse caso, serão marcas de aspecto e modalidade que recobrirão tais processos, ou de natureza quantitativa, e nesse caso, serão marcas extensivas e intensivas que recobrirão tais processos.

Construiremos, a seguir, cinco blocos de exemplos. No primeiro, colocaremos as construções gramaticais das quais estamos partindo; os outros quatro blocos são metalingüísticos, quer dizer, se constituem em manipulações explicativas. Desse modo, no segundo bloco, apresentaremos processos de tematização da causa; no terceiro, traçaremos parentescos entre a nominalização e valores adverbiais. No quarto, mostraremos o parentesco entre valores adverbiais e complemento agentivo. No quinto, tentaremos explicitar o que são para essas construções a alteridade primeira e a mais primeira ainda.

1º bloco: adverbiais e advérbio (ponto de partida)

- 21 - O menino comeu a maçã embora ela estivesse verde.
- 22 - O menino vai comer a maçã se ela estiver madura.
- 23 - O menino vai comer a maçã quando ela estiver madura.

- 24 - O menino comeu a maçã porque ela estava madura.
- 25 - A maçã precisa estar madura para que o menino possa comê-la.
- 26 - O menino comeu a maçã vorazmente.
- 27 - O menino comeu a maçã lentamente.
- 28 - O menino comeu a maçã sem culpa.
- 29 - O menino comeu a maçã tranqüilamente.
- 30 - O menino comeu a maçã agradecidamente.
- 31 - O menino comeu a maçã obrigado.
- 32 - O menino comeu a maçã espontaneamente.

2º bloco: tematização da causa e a nominalização

- 21a - O estar-verde da maçã não impediu que o menino comesse a maçã.
O menino comeu a maçã apesar do estar-verde da maçã
* a verdura da maçã.
- 22a - O estar-maduro da maçã será uma *condição* necessária para poder comê-la.
- 23a - O estar-maduro da maçã será um *momento* que deverá ser esperado para poder comê-la.
- 24a - O estar-maduro da maçã fez que o menino comesse a maçã
* a madureza
* a maturidade
* a maturação
- 25a - O estar-maduro da maçã será necessário para que o menino possa comê-la.
- 26a - A voracidade com que o menino comeu a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez etc.
- 27a - A lentidão com que o menino comeu a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez etc.
- 28a - A não-culpabilidade do menino ao comer a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez etc.
- 29a - A tranqüilidade com que o menino comeu a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez etc.
- 30a - A gratidão com que o menino comeu a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez etc.
- 31a - A obrigação do menino em comer a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez etc.

32a - A espontaneidade do menino ao comer a maçã mostrou / revelou / evidenciou / fez etc.

**3º bloco: causa tematizada, nominalização e valores adverbiais
(o modo de ser da representação)**

- 21b - O modo de ser /inadequado⁵/ da maçã não impediu que o menino a comesse.
- 22b - O modo de ser /adequado⁶/ da maçã será uma *condição* necessária para que ela possa ser comida.
- 23b - O modo de ser /adequado/ da maçã será obtido em um *momento* que deverá ser esperado para que ela possa ser comida.
- 24b - O modo de ser /adequado/ da maçã fez que o menino a comesse.
- 25b - O modo de ser /adequado/ da maçã será necessário para que o menino possa comê-la.
- 26b - O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /em excesso, e, portanto, inadequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez... /vorazmente/.
- 27b - O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /em falta, e, portanto, inadequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez... /lentamente/.
- 28b - O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /não em excesso, e, portanto, adequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez... /sem culpa/.
- 29b - O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /não em excesso, e, portanto, adequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez... /tranqüilamente/.
- 30b - O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /em falta, e, portanto, adequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez... /agradecidamente/.
- 31b - O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /em excesso, e, portanto, inadequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez... /obrigado/.
- 32b - O modo de ser de /o menino comeu a maçã/ /não em falta, não em excesso, e, portanto, adequado/ mostrou, revelou, evidenciou, fez... /espontaneamente/.

4º bloco: valores adverbiais e complemento agentivo

- 21c - O menino não deixou de comer a maçã *pelo modo de ser dela* / estar verde/.
- 22c - O menino poderá comer a maçã desde que o modo de ser dela / estar madura/ permita isso. Se essa condição não for preenchida, o menino está impedido de comer a maçã *pelo modo de ser dela*.

⁵ inadequado – estar verde.

⁶ adequado – estar madura.

- 23c - O menino poderá comer a maçã em um momento em que o modo de ser dela permita isso. Antes desse momento, o menino está impedido de comer a maçã *pelo modo de ser dela*.
- 24c - O menino comeu a maçã *pelo modo de ser dela*.
- 25c - O menino poderá comer a maçã *pelo modo de ser dela*.
- 26c - Tal fato aconteceu...
Ficou evidente tal coisa *pelo modo* (em excesso) como o menino comeu a maçã.
- 27c - Tal fato aconteceu...
Ficou evidente tal coisa *pelo modo* (em falta) como o menino comeu a maçã.
- 28c - Tal fato aconteceu...
Ficou evidente tal coisa *pelo modo* (não em excesso) como o menino comeu a maçã.
- 29c - Tal fato aconteceu...
Ficou evidente tal fato *pelo modo* (não em excesso) como o menino comeu a maçã.
- 30c - Tal fato aconteceu...
Ficou evidente tal fato *pelo modo* (não em falta) como o menino comeu a maçã.
- 31c - Tal fato aconteceu...
Ficou evidente tal fato *pelo modo* (em excesso) como o menino comeu a maçã.
- 32c - Tal fato aconteceu...
Ficou evidente tal fato *pelo modo* (adequado) como o menino comeu a maçã.

5º bloco: força ou causa sobreposta (e portanto mais forte) à força ou causa original. Processo de adequação nocional (cultural?)

✓ força ou causa original /menino – comer / maçã /

- força ou causa sobreposta, mais causal e mais origem do que a força original que ficou enfraquecida
- O modo de ser inadequado da maçã que está verde ou *não está ainda madura* para os enunciados 21d, 22d, 23d, 24d.
- O modo de ser adequado da maçã *que está madura* para o enunciado 25d.

✓ força ou causa original / menino – comer – maçã/

- força ou causa sobreposta
 - em excesso (voracidade) - 26d
 - em falta (lentamente) - 27d
 - não em excesso, nem em falta, portanto, adequada (sem culpa) - 28d
 - não em excesso, nem em falta, portanto, adequada (tranquilamente) - 29d
 - não em excesso, nem em falta, portanto adequada (agradecidamente) - 30d
 - em excesso (obrigado) - 31d nem em excesso, nem em falta, portanto, adequada (espontaneamente) - 32d

De que modo tais advérbios, além, aquém e dentro da expectativa (adequado) remetem à alteridade?

Menino é um termo da língua que remete a uma noção que possui a propriedade de ser animado. Os advérbios presentes marcam o jogo de força ou pressão exercidos sobre a entidade animada *menino*. Essa pressão pode ser feita pelo menino mesmo, enquanto outro, ou, por uma outra força diferente dele, um outro agente, se for animado, ou uma causa, se for inanimado.

Qual é a outra força diferente dele? Ou de que modo os advérbios remetem à alteridade?

O advérbio *vorazmente* pode ser resultado de uma falta de controle do agente *menino* sobre si próprio, por exemplo, ele não controla a sua fome; *lentamente*, ao contrário, pode revelar, no caso de *comer*, controle do sujeito sobre si próprio, por exemplo, para poder saborear o alimento, ou, então, come-se *lentamente* porque a boca está machucada; *sem culpa* pode ser resultado da superação de um obstáculo criado pelo próprio agente e por um outro; *agradecidamente* e *obrigado*, com certeza, remetem a um outro que lhe deu a maçã ou que o obrigou a comê-la, respectivamente; *tranquilamente* e *espontaneamente* pressupõem, sem dúvida, um diálogo, um conflito, uma espessura dialógica, nos quais outros ritmos de comer são comparados e levados em consideração⁷. Por exemplo, se temos uma criança comendo espontaneamente, pode ser que ela coma desse modo não por superação dos outros ritmos, mas por naturalidade. No entanto, a palavra *espontaneamente*, presente em um enunciado, resulta, sem dúvida, de procedimentos avaliativos, apreciativos, feitos por quem enuncia, mesmo quando se diz: *a criança come espontaneamente*.

A propriedade diferencial (a alteridade) facilita e permite a finalização do processo

⁷ Se eu tenho apenas *Ele comeu a maçã* precisamos supor que os ritmos de comer foram levados em consideração e desconsiderados. Poder medir a velocidade do ato de comer é uma propriedade semântica presente em potencial na relação primitiva das noções e projetada para outros níveis de construção.

desencadeado e a obtenção de estados resultantes. Essa mesma propriedade pode dificultar e impedir a finalização do processo desencadeado e a obtenção de resultado.

Conclusão

O estudo que desenvolvemos defende que o estado resultante ou finalização oferecem valores polares (a asserção positiva e a negativa) e que esses valores são apenas dois entre os inúmeros valores que enunciados em transformação oferecem. Ou ainda: são apenas dois valores de um contínuo de construção de representação (as modalidades assertivas). Podemos dizer que, nos valores polares, chega-se a uma finalização ou porque a alteridade, enquanto obstáculo, foi levada em consideração, superada, e desconsiderada ou porque foi desconsiderada não por superação, mas simplesmente suprimida ou anulada. Os valores polares representam a contração em um ponto, ou em um único valor (é ou não é) da espessura dialógica, ou valores em conflito ou em contradição (é e não é, ao mesmo tempo), criada pelas marcas aspecto-modais que dilatam o predicado e que são exatamente as propriedades diferenciais das quais estamos falando.

Precisamos questionar o fato de que são apenas os valores polares, quer dizer, construídos (asserção positiva ou negativa) que podem ser julgados, avaliados. A argumentação que se faz normalmente é a de que somente nesses dois valores temos coincidência entre a ação e a fala e que são, portanto, os únicos valores nos quais quem fala pode se responsabilizar pela representação que constrói (verdade e falsidade, positivo e negativo etc.).

Pensamos, sendo coerente com a nossa reflexão, que a responsabilidade pela representação, e, portanto, a possibilidade de julgamento, avaliação, atribuição de valores ou significados se distribuem em todos os pontos do contínuo de construção de representação que vai da instabilidade à estabilidade, e vice-versa. Há sempre estabilidade provisória dentro de uma instabilidade de princípio (informação verbal)⁸. Os valores polares não são estáticos mas resultam de uma instabilidade estabilizada e que pode novamente desestabilizar-se. Há só trajetória e caminho, modos de ser da representação, mesmo na representação estável. Na representação em construção é mais fácil visualizar o conflito de forças, valores, responsabilidades. Há performatividade (ação), e, portanto, valor, significado, responsabilidade em conflito (intersubjetividade) em todos os pontos de um contínuo de construção dos enunciados. Na representação em construção visualizamos o próprio processo de julgamento, avaliação, apreciação, mensuração.

⁸ Notas do curso de A. Culioli. École Normale Supérieure, Paris, 1995.

REZENDE, L. M. Causality, differential property and the construction of notional domains. *Alfa*, São Paulo, v.47, n.2, p.21-39, 2003

- **ABSTRACT:** *This paper is part of a broader research that initially aimed at studying the relationship between nominalization and transitivity in Portuguese. Based on Culioli's (1999, 1999a, 1999b) Theory of the Enunciative Operations, it departed from a static and descriptive analysis of language, in which nominalization and transitivity are both stressed, towards a study that takes into account the articulation between language and natural languages. The departure from the static and descriptive analysis downgraded these two grammatical questions by inserting them into more abstract spaces of analysis proper to any grammatical problem such as causality, differential property and the construction of notional domains.*
- **KEYWORDS:** *Causality; differential property; notional domain construction; transitivity; nominalization.*

Referências bibliográficas

BERNARD, G. Modéliser la transitivité verbale. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.J.; ROBERT, S. (Org). *Langues et langage: problèmes et raisonnement en linguistique. Mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: PUF, 1995. p.5-16.

CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. v.1.

_____. A propos de la notion. In: RIVIERE, C.; GROUSSIÉ, M. L. (Org.). *La notion*. Paris: Ophrys, 1997. p.9-24.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a. v.2.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. v.3.

DESLÈS, J. P. Schéma de lexis. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J. J.; ROBERT, S. (Org). *Langues et langage: problèmes et raisonnement en linguistique. Mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: PUF, 1995. p.57-71.

FAUCONNIER, G. Manifestations linguistiques de l'intégration conceptuelle. In: FUCHS, C.; ROBERT, S. (Org.). *Diversité des langues et représentations cognitives*. Paris: Ophrys, 1997. p. 182-193.

HOPPER, P.J.; THOMPSON, S.A. Transitivity in grammar and discourse. *Languages*, Baltimore, n.56, n.4, p.251-299, 1980.

LAZARD, G. La notion actancielle. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J. J.; ROBERT, S. (Org). *Langues et langage: problèmes et raisonnement en linguistique. Mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: PUF, 1995. p.135-146.